

ESPORTE DE LAZER: UMA NOVA CONCEPÇÃO PELA EDUCAÇÃO**Recebido em:** 18/02/2009**Aceito em:** 20/10/2009*Sérgio Stucchi*¹Faculdade de Educação Física da Unicamp
Campinas – São Paulo – Brasil

RESUMO: O esporte é um dos elementos do universo das atividades físicas do homem e encontra maior possibilidade de ser mantido e utilizado de forma mais coerente e equilibrada, por mais tempo na vida de todos, se orientado para isso. A parceria entre a família, a escola e as organizações de seu oferecimento, pode promover longevidade e sustentabilidade das atividades esportivas com planejamento que desvende com mais detalhes as necessidades individuais e coletivas, para que estejam presentes no tempo livre de cada fase do ciclo vital. Numa concepção pós-moderna de lazer é possível criar relações educativas interdisciplinares, com mais motivações para a aprendizagem dos movimentos nas fases iniciais do crescimento, demonstrando limites no uso do corpo adulto pela consciência dos envolvimento nos espaços e conteúdos do lazer, possibilitando estender as capacidades físicas, emocionais e sociais com qualidade de vida útil por mais tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de Lazer. Qualidade de vida. Comunicação Interdisciplinar.

SPORT OF LEISURE: A NEW CONCEPTION FOR THE EDUCATION

ABSTRACT: The sport is one of the elements of the universe of the man's physical activities and its finds great possibility of being remained and applied in a coherent and balanced way, for long time in everybody's life if it was guided for that. The partnership among the family, the school and the offer organizations, they can promote longevity and sustainability of the sporting activities with coherent and reveal planning solving with more details the individual and collective needs, as well as the filling of the free time of each phase of the vital cycle. In post-modern conception of leisure, it is possible to create educational interdisciplinary relationships, with motivations for the learning of the movements in the beginning phases of the growth, showing limits in the use of the adult body for the conscience of the involvements in the spaces and contents of the leisure, making possible to extend the physical, emotional and social capacities with quality of useful and longtime life.

KEYWORD: Leisure Activities. Interdisciplinary Communication. Quality of Life.

¹ Professor Doutor pelo Lazer pelo Departamento de Estudos do Lazer da FEF/Unicamp e atualmente Membro do Departamento de Ciências do Esporte.

Introdução

O Esporte

Este ensaio pretende levar o leitor a uma reflexão sobre outras formas de compreensão do significado de Esporte como fenômeno social. Vamos lançar mão de vertentes definidas, especialmente da sociologia, como ciência, que nos mostra relações fundamentais que podem auxiliar nesta proposta. Num primeiro passo temos que considerar o esporte parte de uma dimensão maior denominada “jogo” como elemento de relações humanas que determinará sua etapa mais avançada. Apesar de o senso comum dar às duas expressões, jogo e esporte, o mesmo significado, existe uma referência teórica básica que elimina esta dúvida vindo da análise de Huizinga (1971, p 6), quando demonstra sua natureza e significado. “Encontramos o jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde as mais distantes origens até a fase de civilização em que agora nos encontramos”.

Assim, o jogo sempre reuniu pessoas, através de seus vários modelos, subordinado às organizações como forma de se obter algum resultado consequência de sua manutenção. Outra observação a ser feita é quanto ao grau de competitividade que destingue os diferentes tipos de envolvimento das pessoas no jogo. A competição é elemento inerente ao ser humano e este será mais ou menos competitivo dependendo da forma como assimilaram valores e significados de seus dois resultados padrões de ganhar e perder.

Ao final do processo de crescimento e desenvolvimento, encontramos o esporte como mais um elemento incluído na somatória das etapas anteriores para o desenvolvimento. Jogo constante, brincadeiras lúdicas, atividades físicas e esportivas. Colocado dessa forma, pode parecer que a brincadeira deixa de existir para que o esporte se concretize. É um equívoco. O brincar é e será sempre manifestação espontânea do ser humano de forma natural e essencial, até que seja modificado pelos padrões maduros de comportamentos.

A situação de jogo, na forma como nos chega, através de suas organizações e também na visão das ciências sociais retratam as “obrigações” como requisito para a sobrevivência, e o “divertimento” com conquista e prêmio. As obrigações aparecem nessa dinâmica social como “trabalho” e todas elas são categorias de comportamento sempre observado na evolução da espécie humana. O homem sempre demonstrou capacidade de sobrevivência tanto para seu sustento vital como para seu descanso lúdico, independente das dificuldades pelas quais teve que submeter seu esforço e sua criatividade.

Fatores como a organização social para o trabalho, o descanso e o divertimento, passaram por etapas reconhecidas na história: (1) período clássico, de produção agrária e o tempo livre dependente dos fenômenos climáticos dos ciclos naturais do dia, da noite e das estações do ano; (2) medieval, de produção artesanal com o tempo livre também relacionado aos rituais místicos e religiosos; (3) industrial, de descanso ligado aos tempos livres do final do dia, final de semana, final do ano com as férias e final da vida com a aposentadoria. (4) Pós-industrial com trabalho terciário nos períodos de oferecimento de serviços, com o descanso e o divertimento de forma mais livre e seus valores dependentes do nível organizacional e cultural dos grupos sociais.

Período industrial

Para este período, os tempos das obrigações são determinados com pouca flexibilidade. O processo de industrialização passa a regular os períodos de tempo de produção através do relógio com mais tempo para o trabalho.

O trabalho se torna um “dogma” como algo incontestável frente ao processo civilizador. O tempo fora do trabalho é desvalorizado.

A mecanização, a automação, a robotização e a cibernética vem modificar as relações do homem com as organizações do trabalho com implicações no tempo livre.

Números aproximados na distribuição do trabalho no Brasil com implicações nos outros períodos de tempo:

Anos 40 - 67% agrícola – 13% industrial – 20% de serviços

Anos 70 – 30% agrícola – 28% industrial – 42% de serviços

Anos 90 – 20% agrícola - 20% industrial – 60% de serviços

Esta visão do tempo na sociedade, enquanto fenômeno localizado é resultado de relações importantes entre instituições sociais de grande contribuição e de acordo com o contexto sociocultural de povo e de nação. O interesse, a organização e o desenvolvimento do esporte, tiveram muitas influências relativas à distribuição desses períodos de tempo. Diferentemente de sua demanda de agora, estes períodos têm sofrido alterações de forma positiva em virtude de maior liberdade de organização do tempo pessoal. Trilhou caminhos com início na fase antiga dos jogos do povo; renasceu na fase moderna com a regulamentação das modalidades trazidas pelos imigrantes e também com a diferenciação do envolvimento amador e profissional; e se encontra na fase crescente das formas de participação das massas que começam a reorganizar seus períodos de tempo a fim de permitir mais atividades físicas em seus tempos livres.

Ainda como revisão desses conceitos estabelecidos, vale considerar que o prisma das três vertentes do esporte descritas por Tubino (1992) como: esporte educacional da escola formal; esporte de participação das ações educativas não formais; e esporte de alta-competição das entidades político-representativas, vêm se modificando a favor da dimensão do lazer.

Essas categorias de organização do esporte resultaram do modelo olímpico de organização que hoje vem se modificando, considerando a evolução que os jogos populares sofreram ao longo dos séculos. Estão classificados em “modalidades de esportes na sociedade” facilitando a compreensão quanto ao engajamento de seus praticantes em suas diversas formas de organização nas dimensões pública e privada. O modelo olímpico estabeleceu contornos da atual cultura esportiva. Como resultado, as brincadeiras e os jogos populares passaram a fazer parte de um contexto menor, perdendo significados para os valores econômicos do atletismo dados pela sociedade industrial, selecionando, destacando e banhando os vencedores com bronze, prata e ouro.

Com estes indicativos, conforme anunciamos no início, pretendemos restabelecer significados da prática esportiva, agora numa visão pós-moderna que leve em consideração o atendimento ao crescimento de interesses da sociedade. Segundo Berman (1988, p.15), este designa as experiências da modernidade,

[...] um ambiente que promove aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor e que ameaça destruir tudo que sabemos e tudo que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: neste sentido pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana.

Portanto é preciso inculcar no participante condição para demonstrar consciência crítica e criativa em seu envolvimento com as obrigações e, mais ainda neste caso, com o divertimento do esporte.

O Esporte de Lazer

Neste binômio, como expressão que delimita dimensão de um dos conteúdos das práticas sociais, a palavra lazer muitas vezes é compreendida como as atividades recreativas que ocupam um tempo liberado das obrigações. Isto é correto. No entanto, com as modificações ocorridas nos padrões de comportamento das pessoas, provocadas pelas novas formas de trabalho, das relações familiares e religiosas, isto ganha significados diferentes daquele preestabelecido pelo modelo industrial econômico. Antes era controlado pelo cronômetro com a divisão do dia em três períodos de oito horas, compreendido pelo desenvolvimento dentro do trabalho, pelo descanso nas horas de sono e alimentação e pelo divertimento diversificado e incerto, adquirido na indústria cultural do lazer de crescimento paralelo. Hoje se perdem nas múltiplas formas de organização dos tempos para os indivíduos e as instituições que ainda, para todos nós, são importantes formas de existência social.

Ainda neste contexto, dentre os muitos fenômenos socioculturais que permanecem como elemento de grande interesse, se pode perceber claramente que o esporte cresce com novos

adeptos a cada dia. Todos os espaços de prática estão cada vez mais acediados, tanto no público quanto no privado. Conseqüentemente as crianças acompanham o movimento; os adultos buscam qualidade de vida quando incluem o esporte nos períodos de descanso do trabalho e espera-se que os idosos passem a dar continuidade de uma vida ativa pela conquista da aposentadoria incluindo também a prática física e esportiva. Nessa configuração de sociedade e suas práticas, algumas exigências são necessárias para que se garanta a prática deste conteúdo através de oferecimento organizado com segurança.

A expressão *esporte e lazer* têm o **e** como uma conjunção aditiva que une duas expressões no sentido de complementaridade na existência de contrastes e oposições que podem ser barreiras que dificultam seu entendimento. Em *esporte no lazer*, com o **no** se percebe o esporte contido dentro de um tempo e um espaço específicos, como se o lazer fosse um ambiente de primeiro plano para depois permitir o conteúdo. Isso pode denotar uma dependência de valores hierárquicos indevida, o que significa cuidado que devemos ter para que não ocorra. A terceira combinação, *esporte de lazer* quer demonstrar que essas dimensões se completam e compõem uma práxis que, no tempo presente dos conteúdos culturais físicos e esportivos, com valores modificados para formas positivas, agora são responsáveis pela configuração de uma dimensão socialmente organizada e parte do mesmo ambiente, configurando mais um elemento para a configuração do significado de pós-modernidade.

Necessário se faz diferenciar a abordagem do conteúdo físico esportivo do lazer pelas ciências administrativas e econômicas, das ciências filosóficas e educacionais. Para esta reflexão o tempo é categoria econômica. Portanto, aqui, o esporte deve ser observado subordinado ao tempo cronológico classificado de “livre” da produção – tanto profissional quanto escolar.

Com estas premissas pretendemos caracterizar, dentro do atual estágio em que se encontram as práticas das atividades físicas e esportivas na sociedade, uma dimensão específica de grande abrangência por se encontrar dentro do tempo livre da fase educacional escolar e da

fase adulta do trabalho profissional. A fim de confirmar este estado de importância e valorização do tempo livre, é necessário que as instituições de oferecimento reconheçam os significados e os valores das práticas esportivas para este atual momento. O conteúdo cultural físico esportivo do lazer (DUMAZEDIER, 1980), alcança um estágio de grande demanda e deixa de ser apenas recreação livre e espontânea, para se constituir numa dimensão de prática que exige acompanhamento, controle e segurança para sua totalidade. Isto se deve à problemática urbana da atual des-organização social, deixando de ser apenas aquela prática de qualquer lugar em qualquer tempo, passando a ser preocupação das organizações.

Este acompanhamento, portanto, será para garantir (1) a percepção e a facilidade de acesso à prática das atividades físicas e esportivas oferecidas por uma estrutura de funcionamento organizada, com segurança para a integridade pessoal de todos; (2) a realização de atividades físicas sem pretensão de superar o meio ambiente e sim para se integrar a ele; (3) a atração para a prática de um esporte, despojado de comparações depreciativas e sim por uma competição que integra uns aos outros; (4) a realização do conteúdo social do lazer e seu aproveitamento decorrente da participação no esporte; (5) o favorecimento de uma prática esportiva que não considere as diferenças individuais, e sim desenvolva o sentido de bem estar físico, mental e social; (6) a participação no processo educativo do formal para o não formal que garanta a aprendizagem dos significados dessa prática no contexto da problemática social urbana para a auto-suficiência.

Estes preceitos para o “esporte de lazer” derivam da evolução de uma categoria já existente nas organizações, denominada “esporte-participação”, como já mencionada por Tubino (1999, p. 27), que tem o seguinte entendimento:

O esporte-participativo ou esporte popular, por sua vez, se apóia no princípio do prazer lúdico, no lazer e na utilização construtiva do tempo livre. Essa manifestação esportiva não tem compromisso com regras institucionais e de qualquer tipo e tem na participação o seu sentido maior, podendo promover por meio dela o bem estar dos praticantes, que é a sua verdadeira finalidade.

Em muitas situações já se falaram em prática esportiva com essa denominação (no lazer) junto às outras duas formas, educacional e de alto rendimento. A categoria participativa na organização social atual e sua problemática são consideradas num plano de importância inferior em comparação ao esporte de rendimento atlético, do espetáculo, da estética corporal, da terapia. No entanto, está alcançando um patamar de importância igual ou superior, junto ao esporte educação, devido sua grande demanda. Esta é uma hipótese a ser comprovada por intermédio de levantamento, numa pesquisa de campo, que constate a grande procura e a importância dada a esta forma de consumo, o que está sendo realizado. Realmente, se observamos as formas reprodutivas e arcaicas das influências da sociedade industrial no esporte, poderemos ver os esforços que o processo mercadológico ainda realiza a fim de manter sua lógica de processo continuado.

Com a visão atenta sobre esta problemática social e econômica, colocamos num primeiro plano as modificações das novas relações do homem com o trabalho e como esta forma de ocupação ainda é considerada sua primeira necessidade. Essas novas relações, conseqüentemente, produzem outras inferências nas outras instituições sociais, refletindo na forma como os sujeitos se relacionam com a família, com a escola e com os amigos.

Dentre as muitas modificações ocorridas na sociedade, produzidas por essas novas relações, certamente o aumento do tempo livre é a que mais vem favorecer a dimensão pela qual estamos aqui discorrendo. A conseqüente e inevitável modificação desses tempos vem intervir a favor do lazer, diversificando e ampliando os períodos a serem ocupados de maneira positiva ou negativa, dependendo do grau de cultura, do contexto e da consciência crítica e criativa de seus personagens. Cultura e conhecimento se supõem serem adquiridos através de um processo continuado de educação, ou seja, iniciado nas ações formais e atingir a não formalidade através de processo acompanhado por estruturas organizacionais que favoreçam a promoção de valores humanos para uma conseqüente e coerente utilização do tempo livre e de qualidade.

Junto a estas readequações do conceito de prática esportiva em nossa realidade social de espaços públicos e de cumprimento de seus rituais, o controle dos espaços e dos equipamentos, passam a ser determinantes para a garantia do acesso da população, diminuindo os riscos frente aos desequilíbrios educacionais e econômicos que geram violência urbana. Neste mesmo pressuposto, a necessidade do cumprimento das regras convencionais dos jogos esportivos, diferentes das regras institucionais anunciadas por Tubino, são requisitos para a harmonia do ambiente da prática sustentada. Situação similar como comparativo provocou desavenças e conflitos entre seus praticantes. Aconteceu quando os jogos populares, jogados diferentemente em cada lugar do mundo, exigiu a criação de convenções necessárias para a compreensão e melhor aproveitamento, em função das mudanças de tempo, de cada modalidade de esporte.

Na essência do esporte de lazer

No período de grande aceleração do processo de industrialização, se considerou o lazer como uma dimensão residual. Diante de uma sociedade como a atual, com seus graves desequilíbrios, é compreensível considerar o lazer ainda numa dimensão menos valorizada frente às outras necessidades fundamentais. É do próprio autor desta teoria, Joffre Dumazedier, o anúncio das incertezas de sua compreensão.

[...] a plasticidade de suas fronteiras, a multiplicidade heterogênea de suas formas, a extensão oculta de suas implicações, a carga afetiva que carregam algumas de suas manifestações normais ou marginais, lícitas ou ilícitas, prestam-se a entusiasmos ou aos desprezos mais temíveis para o rigor. (DUMAZEDIER, 1980, p. 11).

Há pouco mais de trinta anos, anunciou esse fato referindo-se a todas as outras esferas de participação da vida que ganhariam importância merecida. O que era reconhecido como uma parte das organizações de tempo em que somente se encontravam alguns conteúdos específicos ligados ao entretenimento, no entanto,

[...] apresenta-se como um elemento central da cultura vivida por milhões de trabalhadores, possui relações sutis e profundas com todos os grandes

problemas oriundos do trabalho, da família e da política que, sob sua influência, passam a ser tratados em novos termos. (DUMAZEDIER, 1973, p. 20).

Neste início de século XXI, reconhecemos as grandes mudanças que ocorrem nas formas de utilização de atividades que se manifestavam pelas tradições. No esporte, como cultura de práticas corporais, esse arcaísmo referiu-se às diferenças conquistadas pelos sujeitos que apenas competiam para vencer o jogo e que transferiam o mesmo processo e produto para a vida. Agora, esses resultados pedem aprofundamento nas relações com o próximo, o que é possível com mais intensidade no campo do lazer, através do jogo limpo, ético, moral e de cooperação. Como resquício de influências da sociedade capitalista, apenas vencer era o objetivo. Atualmente, lembrando do passado e entendendo o porquê desse mundo novo e globalizado com o conhecimento mais ágil, a problemática das relações sociais exige que observemos outras versões dessa dinâmica.

Na essência educativa, o desenvolvimento humano até agora demonstrou que a competição está presente desde a corrida dos espermatozoides para a fecundação, portanto, nascemos competitivos. Será importante, então, que as diferenças observadas durante o jogo, sejam vistas como fator de aproximação e não de diferenciação e distanciamento entre as pessoas. Vencer as diversidades da natureza deverá nos tornar mais aptos a compartilhar este sabor entre nós, fazendo-nos mais humanos e semelhantes. O que antes era apenas conteúdo de divertimento íntimo, de descanso para recuperação das forças para o rendimento individual, agora, como compromisso desse processo educativo, surge o desenvolver-se pessoal e socialmente pelas conquistas vitoriosas das práticas do lazer.

Com um novo encaminhamento do resultado da competição, que dá ênfase às relações sociais positivas, vamos atingir um grau de maturidade na aceitação e compreensão das conseqüentes perdas e aquisições nos resultados das experiências esportivas. Teremos mais consciência, compreensão e respeito pelo outro, reconhecimento pela coletividade e pela vida em sociedade. Vamos desenvolver a capacidade de entender este outro significado do esporte pelas

essências íntimas que nos destacam dos outros seres vivos. Chegaremos à compreensão de que não precisamos eliminar o outro para a nossa continuidade e sim, garantir sua presença como a nossa e a de todos.

O esporte pode, sem sombra de dúvidas, ser uma das práticas que pode favorecer o desenvolvimento da sociedade. E para que, além das partes em diferentes grupos sociais, o todo como sociedade também cresça, o processo educativo formal deverá mostrá-lo diferente daquele estereótipo espetacular propagado pela mídia e pela economia, belo, porém difícil de ser atingido. Se antes entendíamos o esporte dentro do sentido funcionalista apenas, agora devemos agregar mais componentes importantes a esta combinação: a visão de compreensão plena de nós mesmos com nossas diferenças, tanto na vitória como na derrota; convergir interesses despojados de imposições vaidosas a fim de vencer junto para um desenvolvimento mútuo; re-equilibrar forças físicas e mentais produtivas para as formas de trabalho que se modificam e renovam com muita velocidade.

A referência básica para esta proposta, Dumazedier (1973, p. 40), num de seus clássicos, observou que, pela visão sociológica no campo do lazer em seus primórdios como ciência no Brasil, “les jeux ne sont pas faits” ou “a situação ainda não está clara”. Devido a limitações nas técnicas educacionais, a idéia das diferenças ainda prevalece. Porém, já podemos observar mudanças de comportamentos, de valores e de sua compreensão. As relações sociais ainda se modificam a favor da economia, da política, revertendo também na inconseqüente superação do próximo. No mundo do trabalho ainda existem pressões para a diminuição do tempo livre e o aumento das obrigações com cumplicidade da mentalidade do lucro, até mesmo quando ocorre “superávit”. Ainda assim, este autor profetizava que “O jogo poderá determinar mudanças profundas tanto na cultura tradicional quanto na de vanguarda e conferir uma poesia paralela à vida de todo o dia e um pouco de humor no compromisso social”.

Educação para o lazer - estilo de vida e longevidade.

O crescimento pelo interesse esportivo no lazer se deve a alguns fatores de influência. Apesar do poder da rede de computadores, dos grandes jornais e o poder da televisão aberta no propagar o espetáculo esportivo, dois deles se destacam pela oportunidade de incutir valores e estímulos para sua prática: um ocorre de forma direta, com o processo educativo formal da educação física escolar e a informal dos clubes, praças e academias; o outro de forma indireta, iniciado com o movimento Esportes Para Todos – EPT. que, reforçando o ideal de atividades físicas no tempo livre, apesar de abafado pelo então regime de governo, deixou sementes que germinaram na atitude de algumas instituições.

A força deste movimento foi iniciada em 1974, com idéias trazidas da Europa para o Brasil por Jürgen Dieckert (1984), permanece ideologicamente de fundamental importância, tentando modificar os rumos na prática do esporte com o sentido forte de humanização. Porém, como proposta vinda depois de estabelecida uma cultura esportiva de alto-rendimento, oriunda de práticas de educação física higienista e militar, encontrou barreiras naquele momento, devido a grandes influências políticas favoráveis à dimensão esportiva que tinha como bandeira ideológica à seleção dos melhores e o subliminar de manutenção de corpos dóceis, obedientes, trabalhadores e produtivos. Perdeu-se a grande oportunidade de, naquele momento, valorizar e estabelecer no íntimo da sociedade brasileira, significados desenvolvimentistas dos conteúdos culturais do lazer, voltados para as práticas sociais de interesses éticos, democráticos e de cidadania. Apesar disso, os ideais continuaram sendo perseguidos e, hoje, depois de mudanças nas ideologias políticas de democracia impositiva para participativa, começou-se a entender melhor seus valores e significados, graças ao resultado de pesquisas e de percepções obtidas indiretamente relativas à melhora da qualidade de vida de cada um de maneira espontânea (DIECKERT, 1984).

Ao longo desse período de mudanças, o esporte passou a acompanhar tendências globalizadas de valores sociais a favor da qualidade e do estilo de vida. Contudo, apresenta ainda diferenças básicas relativas a outras práticas de valores mais desenvolvidos que os das atividades físicas e esportivas, de acordo como o próprio Dieckert (1984), na aplicação de técnica que tinha como “emblema” o EPT. Hoje, temos outros fatores como o reconhecimento da diversidade de modalidades esportivas que ressurgem através do mito virtual, permitindo o ganho de novas propostas de divulgação e oferecimento do esporte, por intermédio de estratégias planejadas de educação formal e informal.

Diversas áreas de atuação profissional que aprofundam conhecimentos científicos a favor da melhora na evolução social, apresentam elementos argumentativos para a prática dos esportes a favor de um “estilo de vida e sua importância para a qualidade de vida” e de seu próprio desenvolvimento sustentável como:

[...] resultado da integração de muitos fatores que compõem nossa existência. O conjunto de adaptações biológicas e culturais que experimentamos durante toda a vida resulta em mudanças comportamentais que, dependendo do tipo adotado, podem refletir positivamente sobre os aspectos e as condições de saúde e bem-estar. Os comportamentos são aprendidos e modelados desde os primeiros anos podendo, ao longo do ciclo da vida, ter muitos de seus componentes alterados segundo influências biológicas, ambientais ou culturais. (GONÇALVES; VILARTA, 2004, p. 46).

Aqui, o fator que determina a sustentabilidade da participação no esporte é pelo esporte, e está na consciência dos fatores ambientais, físicos e emocionais, inatos e adquiridos, que influenciam na sua manutenção. O autoconhecimento que pauta a intensidade do esforço físico é determinante para a longevidade da participação. Certamente, o planejamento deste conteúdo cultural no campo do lazer a favor de sua maior durabilidade em todas as fases da vida é uma premissa possível.

A máquina do progresso criou atalhos para que o esporte fosse incluído na cultura corporal da sociedade. Ideologias construíram símbolos que não ganharam a importância devida na tentativa de estabelecerem retomadas de rumo. Vale lembrar algumas datas significativas

para estas reflexões: Em 1972, o então Departamento de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura cria o “Dedinho”, personagem praticante das várias modalidades esportivas que, através de uma revista em quadrinhos, levava a mensagem de motivar as pessoas para aquelas práticas, facilitando a compreensão das diferentes modalidades e demonstrando uma forma de participação sadia e equilibrada socialmente. Segundo Dieckert (1984), em 1973, o professor Lamartine Pereira da Costa investiu grande reforço no movimento do EPT por ocasião de um congresso científico ligado ao tema, realizado em Buenos Aires denominado, “Jornadas Internacionales de Estudio sobre El Deporte” em cujo evento, foi organizada uma seção intitulada “Esporte para Todos”, que contou com a participação do Professor Jürgen Palm, um dos idealizadores da campanha na Europa. (CAVALCANTI, 1984).

Em 1975, é iniciada a campanha “Mexa-se” pelos principais veículos de comunicação, junto com o Decreto Lei nº 6.251, de 08 de outubro, que introduz o termo “Esporte de Massa” na perspectiva de estabelecer esse fenômeno. Ainda por intermédio deste Ministério, foi criado o termo “Prática Desportiva de Massa” sob o Decreto Lei nº 80.228, de 25 de agosto de 1977. Em 1980, esse mesmo Governo Federal lança uma “Política Nacional de Educação Física e Desportos” com um documento não mais referente ao “Esporte para todos”, e, sim, à “Atividade Física de Lazer”. Também em 1980, a revista “Comunidade Esportiva” veicula o termo “Desporto Comunitário de Massa” mais uma vez Da Costa publica, em 1981, Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. Em 1982, em Curitiba, o Primeiro Congresso Brasileiro e Pan-Americano sobre o assunto, novamente reforça o conceito desta prática intitulando o evento de “Esportes para todos” (DIECKERT, 1984).

Daí para frente se supôs a manutenção da idéia do programa de esportes para todos, porém, as estruturas sociais e as organizações de governo se modificaram. Mais uma vez, as organizações voltadas para as práticas esportivas do poder privado de interesse nos negócios venceram nas influências e nas tendências para o esporte de rendimento e do esporte espetáculo

em detrimento da cultura e dos valores do lazer. Sempre recebendo influências de uma política econômica a favor do aumento de sua “mercantilização”, com muito mais eficiência do que as organizações do poder público para a consagração do “esporte de lazer” na proposta do “para todos” para o equilíbrio social e cidadania.

Esses desvios continuaram a promover seleções de interesses, os quais chegaram até a influenciar os conteúdos das escolas de formação de professores de Educação Física, alterando o rumo das práticas esportivas entendidas como elementos da cultura corporal, canalizando interesses de mais ênfase para a seleção dos melhores e a economia do rendimento atlético.

A tentativa de garantia

Com a evolução do referencial teórico da recreação para os estudos do lazer pelas Instituições de Ensino Superior, no início da década de noventa, o conceito de lazer renova o significado da prática dos esportes como conteúdo cultural com grande influência de sociólogos europeus sendo um deles Joffre Dumazedier, por sua presença direta e incisiva na fundamentação metodológica para novas propostas de estudos no Brasil. (DUMAZEDIER, 1980, p. 111).

O esporte aqui institucionalizado nos âmbitos legal e governamental, teve início em 1937, quando, por intermédio da Lei nº 378 de 13/03/37 foi criada a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura. Em 1970, a divisão foi transformada em Departamento de Educação Física e Desportos, ainda vinculada ao Ministério da Educação e Cultura. Na sequência, em 1978, esse departamento foi transformado em Secretaria de Educação Física e Desporto, também ligado ao Ministério da Educação, permanecendo até 1989. O Presidente Fernando Collor de Melo, em 1990, extinguiu a Secretaria ligada ao Ministério da Educação e criou a Secretaria de Desportos da Presidência da República. Após a saída da presidência, o esporte voltou a ser vinculado ao Ministério da Educação com a Secretaria de Desportos. A partir de 1995, o esporte passou a receber mais atenção. O Presidente Fernando Henrique

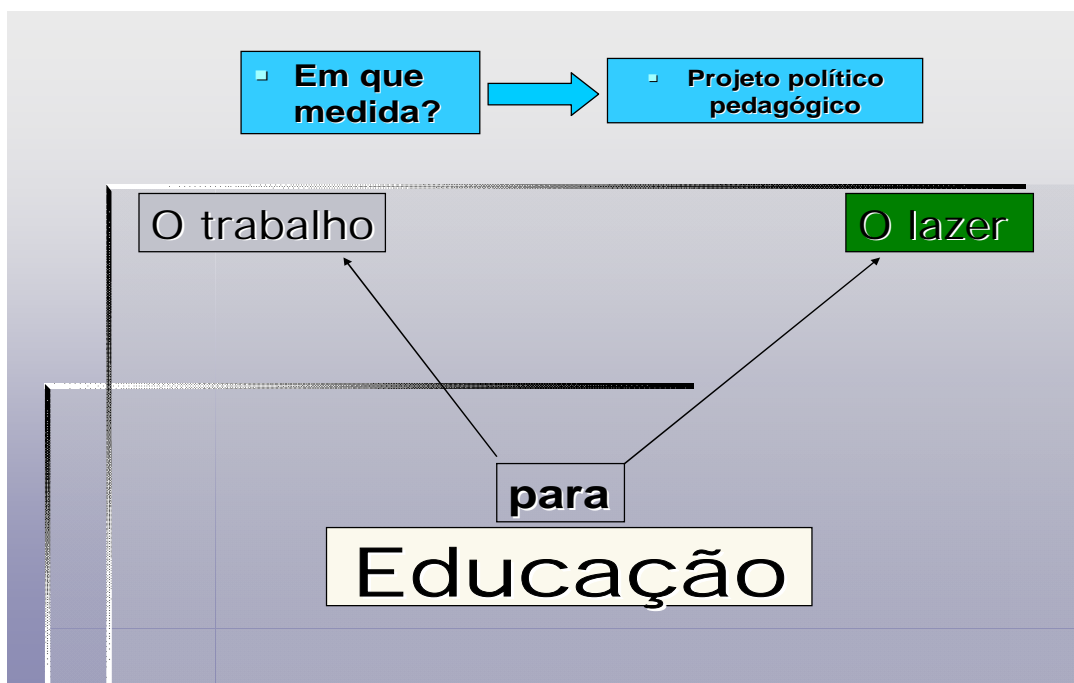
Cardoso criou o Ministério de Estado Extraordinário do Esporte, cabendo sua gestão à Secretaria de Desportos do Ministério da Educação. Em março do mesmo ano, essa secretaria foi transformada no Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto – INDESP, desvinculado do Ministério da Educação e Cultura e subordinado ao Ministério Extraordinário do Esporte. No dia 31 de dezembro de 1998, foi criado o Ministério do Esporte e Turismo pela Medida Provisória nº 1.794-8, pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, em seu segundo mandato, em cujo ministério, o INDESP passou a ser vinculado (BRASIL, 2008). Em outubro de 2000, este Instituto foi extinto e substituído pela Secretaria Nacional de Esporte. O atual Presidente Luiz Inácio da Silva separou as duas pastas, ficando o esporte com um Ministério próprio. O deputado federal eleito Agnelo Queiroz assumiu, no dia 2 de janeiro de 2003, o recém formado Ministério do Esporte, que conta com três órgãos específicos: Secretaria Nacional de Esporte Educacional, Secretaria Nacional de Esporte e Lazer e Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, que é a estrutura atual de gestão. Em 4 de abril de 2006, o Presidente Luiz Inácio da Silva transfere a pasta para Orlando Silva, como novo ministro do Esporte, que se comprometeu com a área desportiva mantendo o foco do Ministério do Esporte e do governo Lula em desenvolver todos os projetos e dar continuidade a toda luta desenvolvida no Ministério do Esporte. Quanto à Lei de Incentivo, mostrou a importância de se ajustar o esporte à educação para a inclusão social do povo brasileiro.

O que modificar?

Nossa intenção é justificar o que é tradicionalmente relativo ao esporte e suas possíveis relações com os outros conteúdos educativos. Mostrar outros significados das práticas físicas que vão além da subordinação aos regulamentos, convenções de uso dos espaços e sistematizações que, de maneira conservadora, estabeleceram os objetivos do esporte até então, como citado anteriormente, denominado de “olimpismo”. (SÉRGIO, 2003).

O que vemos no senso comum é entendido como a evolução da “técnica”, que interfere na práxis social. Chegamos a uma etapa de organização que quando vemos o esporte das crianças, dos adultos, dos idosos, dos homens e mulheres, sabemos que todos estão conscientes do que estão buscando a fim de suprir suas necessidades de divertimento. (SANTOS, 1996, p. 25).

Do ponto de vista da sociologia do lazer, gostaríamos de ver a possibilidade de um processo continuado que, se planejado de acordo com os ditames do “lazer no ciclo vital” (PARKER, 1978), eliminaria a possibilidade de solução de continuidade nas práticas esportivas entre as fases de vida social e institucional. Esportes individuais e coletivos, quando oferecidos convenientemente, respeitando aspectos desenvolvimentistas (GALLAHUE, 2005) dessas fases, certamente garantiriam continuidade.



Entendendo o processo de desenvolvimento seqüencial como ideal para a vida em sociedade, partimos do pressuposto que o esporte, neste contexto, deveria nascer dentro da escola formal em parceria com a família, elemento integrante do processo educativo, como já é

considerado, faltando o grande avanço quanto à parceria e participação das instituições sob a mesma ideologia de prática esportiva nessa condição.

Em outros tempos, essa prática esportiva tinha seus limites determinados pelo período em que o sujeito estava dentro do processo de aprendizagem escolar. Aquela escola o preparava apenas para o trabalho profissional. A partir desta forma de entender os conteúdos culturais educativos, o processo deverá também prepará-lo para o lazer. Assim, este sujeito será capaz de utilizar os conteúdos intelectuais, sociais e físicos adquiridos tanto no tempo de trabalho escolar de preparação para o trabalho profissional, quanto no tempo livre tanto de sua formação quanto para a sua vida futura, o que incluiria participação nas atividades físicas que contemplam os esportes. Quanto mais ligações forem estabelecidas entre os conteúdos culturais da escola e a informalidade ou atividades extracurriculares, mais será ampliada a cultura das práticas físicas e esportivas com nessa dimensão “de lazer”. Já existem ligações iniciadas a exemplo dos projetos “Escola da Família”, “Segundo Tempo”, porém, percebe-se nenhum cuidado em avaliar constantemente o processo a fim de constatar aproximações ou distanciamento das relações entre as três fases do ciclo vital em continuidade.

Podemos observar um grande crescimento da população que passou a utilizar a prática esportiva não profissional e de lazer. As pessoas têm seu trabalho ocupando determinado tempo do dia e, no período livre, buscam atividades que lhes dão prazer, com seriedade, regularidade e gratuidade, o que inclui o esporte. Por intermédio das entidades organizacionais específicas de modalidades esportivas que oferecem eventos, caso de clubes sociais recreativos, academia especializadas, praças públicas, ligas locais, federações estaduais e até confederações nacionais, de baixo, médio e alto rendimento, a prática esportiva já acontece em paralelo ao trabalho profissional e o trabalho escolar. Existe um equívoco em se pensar que estas práticas não estão no campo do lazer.

Observando esta seqüência de envolvimento da sociedade com o trabalho e as atividades do tempo livre e sabendo que, para a aposentadoria esperada e considerada inevitável por ser a última etapa, necessário se faz reunir todos os investimentos das etapas anteriores para atingir esta fase como sendo uma grande conquista. Espera-se garantir que esta etapa deva ser plena de saúde física e mental e para que isso ocorra, nas duas primeiras fases do ciclo, vida de criança e vida de adulto, os limites de envolvimento nos conteúdos do lazer devem ser bem planejados, respeitados e fruídos em sua plenitude.

Como conceito estabelecido pelo processo educativo frente aos desafios da economia, chegar aos sessenta e cinco anos de forma íntegra, consciente de suas possibilidades e capacidades físicas e mentais sem nenhum acidente de percurso, é o que confirma ter passado por todas as outras etapas, utilizando o corpo de forma consciente, com participação crítica.

Responsáveis diretos e indiretos

Num período curto de vinte anos, nossos espaços públicos das praças e ruas foram tomados por uma categoria específica de praticante de atividade física. Influenciada por vários fatores, esta demanda cresceu significativamente, como se pode observar hoje nestes mesmos lugares. As campanhas de educação não formal, de estímulo ao movimento corporal, foram motivações para a prática de esportes e levaram as pessoas para estes lugares. Estas iniciativas são importantes referenciais na delimitação do esporte de lazer.

Outros fatores indiretos também são considerados para essa premissa: (1) pressões exercidas no corpo pela postura do trabalho, causando problemas físicos, acarretando necessidades terapêuticas pelas práticas corporais, impostas a uma grande parcela de pessoas incluindo muitas formas de esporte; (2) aumento do número de praticantes em razão da fuga do sedentarismo como doença e resultado da mecanização, da automação e das novas facilidades tecnológicas das tarefas diárias; (3) modelos de super-homens propagados pela grande mídia que

veicula imagens dos atletas da alta competição, criando mitos representativos que aparecem como produtos de venda e motivam para movimentos arriscados na busca do mesmo modelo. Ao mesmo tempo, é importante considerar que, mesmo através destas motivações indiretas, as pessoas adquirem gosto e a sensação de prazer pelas atividades físicas que antes eram utilizadas como terapia, passando pela superação de sua própria condição física desfavorável, e se beneficiando com a sensação de exaltação, diferenciada, aprendendo a utilizá-las como “esporte de lazer”.

Esses elementos são facilmente relacionados ao aprendizado na organização de um modelo moderno de escola oficial e obrigatória. Quanto à educação não formal das organizações sociais espontâneas, a exemplo das praças de esportes como um mediador para as propostas coletivas de interesse de um determinado grupo, essas possibilidades educativas, de acordo com interesses, cultura e regionalismo, são pressupostos fortes deste modelo de educação.

Para a escola obrigatória, a pergunta que cabe é: como atender de maneira direta estas motivações? A resposta vem de possível planejamento e avaliação desse mesmo processo educativo, ou seja, considerar a escola com a sistematização do ensino, permeada por um currículo preestabelecido e que considere a dimensão do lazer e do ambiente social que se situa. Por essa ótica, não seria somente a escola a responsável. Sem intenção de minimizar seu papel, incorporar outras formas de aprendizagem, não sendo ela a única responsável por desenvolver valores do lazer e da prática dos esportes.

O binômio “esporte de lazer”, tem significados que ainda são passivos de diferenças e compreendidos de acordo com o grau do estágio cultural adquirido pela instituição e pelos seus personagens. A partir da escola, espera-se o processo continuado por intermédio de suas disciplinas curriculares e programas de ações extracurriculares. Todos esses elementos são responsáveis pelo desenvolvimento de valores do movimento corporal para o tempo livre, caracterizando uma educação permanente para a liberdade responsável e ética.

Esporte, lazer e interdisciplinaridade

As reflexões aqui apresentadas sobre esporte e sociedade, permanecem vinculadas ao conceito clássico que contribuí para a área da Educação Física, desde o início da década de oitenta, com acolhimento posterior do lazer como reforço de seus valores pelas ciências sociais. Mesmo considerando o avanço tecnológico e as novas relações do homem com a redistribuição de tempos das obrigações e das novas formas de divertimento, ainda prevalece a classificação dos conteúdos culturais, estabelecida pela sociologia do lazer de Dumazedier (1980) e Camargo (1986).

A Educação Física como área de conhecimento que estabelece ligações diretas com outras áreas das ciências exatas, tecnológicas e de humanidades, sempre emprestou elementos disciplinares para desenvolvimento de estudos dos fenômenos sociais pelos quais criou dependências e está atuante. Dentro destas inter-relações, o importante para esta abordagem, são as novas propostas de desenvolvimento do esporte como cultura re-valorizada e, aproveitando o fato de navegar por entre a pedagogia e a sociologia, com experiências didáticas como conteúdo do tempo livre, passando a ser de grande contribuição para a educação, desde que entendido como ferramenta para isto.

O esporte recreativo é conteúdo programático para as organizações sociais e por intermédio de conteúdos específicos se modifica na medida da evolução das relações, vista na pós-modernidade como dentro de um tempo mais flexível oriundo de estruturas profissionais de “administração contingencial” (CHIAVENATO, 2004). Considerado com os mesmos valores que as outros conteúdos e experiências, o lazer passa a ser planejado e identificado como necessidade para a prestação de serviços. Se o tempo livre para o lazer com seus conteúdos culturais, ainda depende de uma condição conquistada, nessa nova relação, torna-se passivo de influências da “família” do “trabalho escolar” e do próprio “trabalho profissional”.

Antes se sabia que o sentido recreativo das atividades do lazer ficava a mercê de uma aprendizagem autodidata, ou seja, o sujeito aprendia o valor da ação somente como trabalho e, conseqüentemente, usufruía o tempo livre apenas como um período de divertimento espontâneo, não o entendendo como de desenvolvimento pessoal e social orientado.

Aqui a proposta de valorização do conteúdo esportivo como práticas de lazer e da recreação, sugere sistematizações para sua compreensão nestes novos tempos, para o desenvolvimento através das instituições escolares numa nova visão do administrador junto às outras necessidades, sem modificar sua intenção de ocorrer na dimensão lúdica.

Neste contexto, a educação física como disciplina escolar, tem poder privilegiado para exercer esse papel na sociedade. O processo de continuidade de seus conteúdos formativos sofreu descaminhos, provocou desinteresses e perdeu espaço para as necessidades primárias ligadas às atividades fisiológicas do ter que render mais como justificativa de um bom crescimento.

Olhando à nossa volta, observamos a realidade quanto à cultura do corpo e temos que levar em conta a ocorrência de certos desvios quanto à força dos valores das tradições. As formas institucionais de educação continuada, característica da não-formalidade, mostram que a família, a escola e as outras organizações já citadas, deveriam ser concorrentes eficazes na escolha das atividades no contexto das práticas sociais.

Utilizando-se do pensamento hipotético-dedutivo, arriscamos dizer que a grande maioria das pessoas que termina o período da escola formal e que conquista o mundo do trabalho, não utiliza o conteúdo físico e esportivo, que deveria ser demonstrado pela educação física escolar, como importante elemento de continuidade no campo do lazer. Esse distanciamento não será devido ao desconhecimento dos significados e da conseqüente falta de valorização do conteúdo cultural físico esportivo do lazer, mostrado pela escola? Uma das hipóteses a ser comprovada é a de que as atividades físicas, neste âmbito, não receberem a devida ênfase por parte do ensino, de

sua importância quanto atividades do tempo livre no futuro dos sujeitos. Outra hipótese é de que a disciplina educação física não está sendo trabalhada como parte de um todo, prevendo a possibilidade de diálogo decorrente das diferentes formas de participação.

A sugestão para estas ações interdisciplinares é que, na fase do ensino fundamental, se use o movimento corporal para o crescimento físico, mental e social; na fase do ensino médio passe a ocorrer reflexão sobre o movimento corporal, para a visão crítica e criativa sobre isto no contexto social. O universo de assuntos relacionados ao esporte pode ser encontrado quanto a sua ética das práticas físicas, dos aspectos sociais e sua estética, ligado às artes, a literatura, ao desenvolvimento do raciocínio lógico e à percepção do ambiente social onde ele acontece. (MORIN, 2003).

São necessárias mudanças para a utilização de estratégias interdisciplinares. Utilizar outros elementos de análise em consideração aos aspectos culturais das modalidades esportivas, construídas sobre regras de conduta ética com seus códigos, técnicas e táticas para a ocupação de espaços e equipamentos sociais no lazer, numa configuração pós-moderna.

Esses elementos permitirão combinações e interações do movimento corporal esportivo por intermédio dos vários gêneros de conhecimento em seus aspectos práticos, filosóficos, políticos, religiosos, científicos e empírico. Isto deverá exigir a participação do sujeito da aprendizagem através dos três níveis de envolvimento e crescimento baseado na Teoria Sociológica da Decisão de Dumazedier (1980, p. 61), ou seja, de consumo, crítico e criativo.

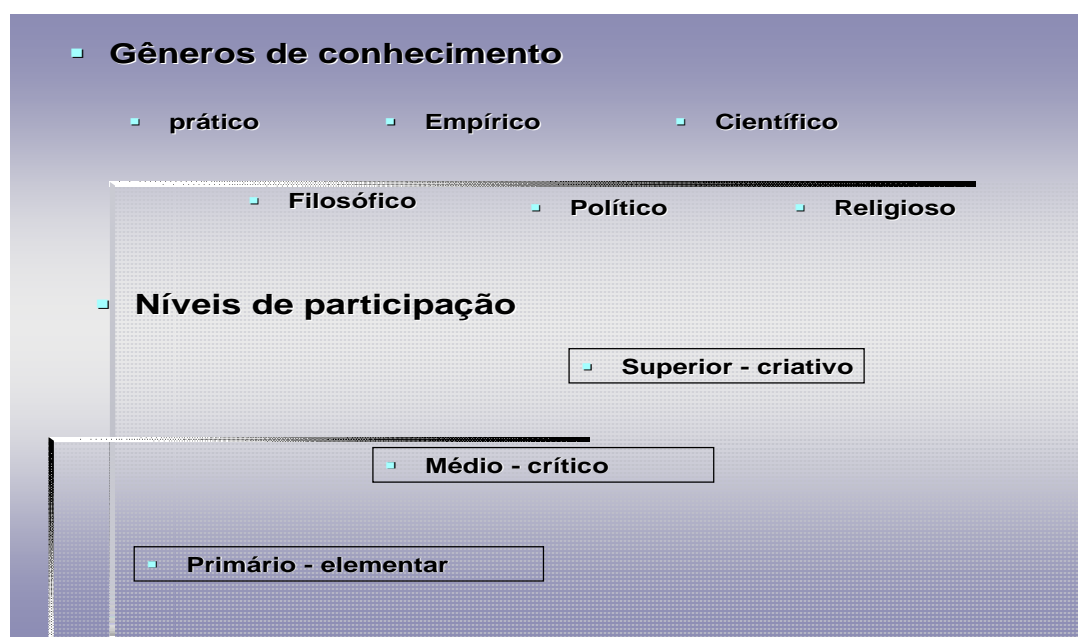
Nas séries iniciais a aplicação e observação será de consumo simples elementar ou primário, pois, a resposta deverá ser dada pelos aspectos físicos do crescimento e desenvolvimento não importando o grau de dificuldade apresentada e o conhecimento demonstrado. No final do segundo ciclo do ensino fundamental, deverá ser exigido e observado o estágio médio ou crítico de maior compreensão do conteúdo que demonstre desenvolvimento pela participação. Para a fase do ensino médio obrigatório e superior opcional, o sujeito deverá

demonstrar grau de criatividade que lhe garantirá a qualidade de praticante que foi inculcada pelo processo de sustentabilidade até então consciente.

A fim de reforçar a importância desta metodologia de ação para estas fases da escolaridade, vamos utilizar mais uma citação de Huizinga sobre sua definição de jogo, quando ele discute que:

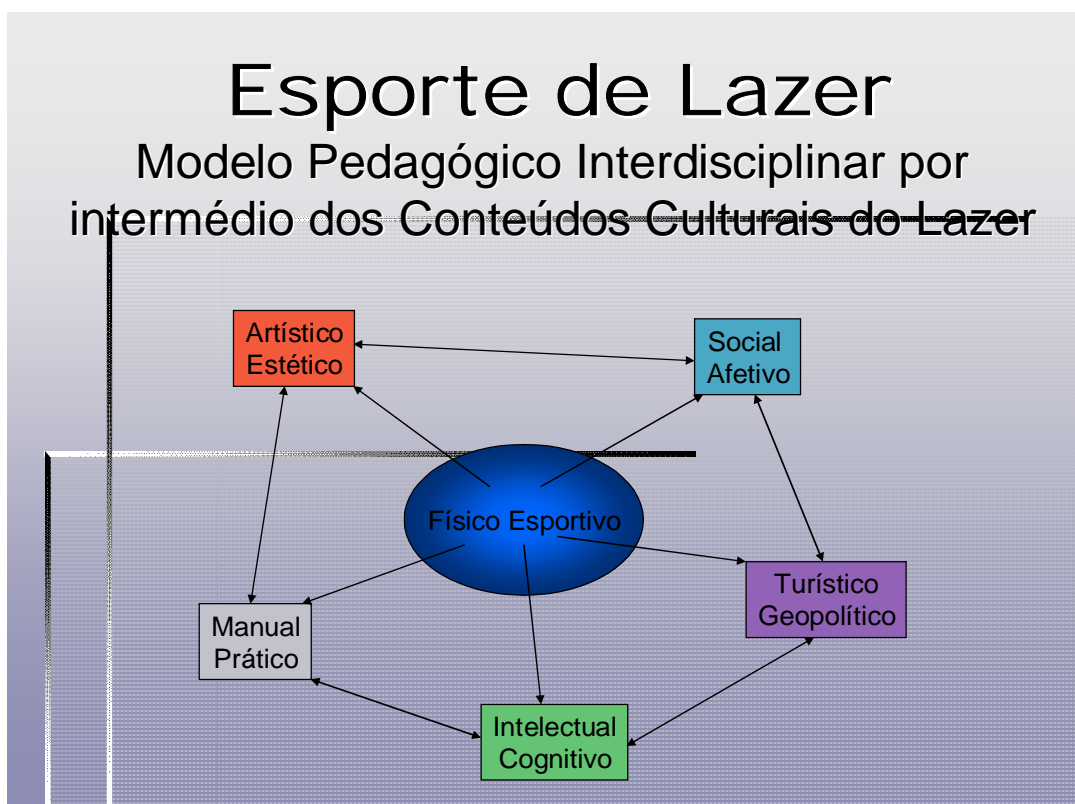
As grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde início, inteiramente marcadas pelo jogo. Como por exemplo, no caso da linguagem, este primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar. É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatar-las, em resumo, designá-las e com essa designação leva-las ao domínio do espírito. Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado da natureza. (HUIZUNGA, 1971, p. 7).

Transportando a mensagem para este modelo de aprendizagem, depois de vivenciado o fenômeno esportivo, a criança iniciará suas observações das relações deste com a sociedade onde vive. Para a fase do ensino médio, o sujeito deverá atingir nível superior e criativo de compreensão do que poderá ser os resultados de seu envolvimento com os conteúdos culturais para o seu desenvolvimento sustentável, sendo preparado para a próxima fase de grandes escolhas na distribuição dos tempos entre o trabalho profissional, as obrigações familiares e o lazer.



Estamos sugerindo um modelo pedagógico do referencial esportivo para a educação física escolar e não escolar que possibilita a participação de outras abordagens disciplinares, baseado nos conteúdos culturais do lazer, através de estratégias que partam do planejamento pedagógico da unidade. O esporte será abordado em seus aspectos técnico humanístico de aprendizagem da cultura corporal, geopolítico na compreensão e aceitação de seu desmembramento lógico racional de funcionamento de seus códigos.

Utilizando os conteúdos culturais de Dumazedier (1980) e Camargo (1986) como categorias, criamos o diagrama abaixo no sentido de indicar, inicialmente o esporte como núcleo central de uma célula interdisciplinar (SANTOMÉ, 1998) para suas estratégias pedagógicas.



A justificativa para este modelo de aplicação, se deve ao fato do esporte possuir forças que atraem interesses, dependendo das formas e ligações que fizerem sobre duas mensagens. A atração exercida por este fenômeno na sociedade, se deve ao fato deste ter passado por várias fases pelas quais se modificou no sentido de aceitar cada vez mais categorias de participantes: como culto aos deuses nos jogos gregos; para os soldados em formação para o combate das grandes conquistas; das práticas profanas nos feudos da idade média, para os grandes investimentos financeiros dos negócios com os super-homens da atualidade e nas formas populares com as grandes massas de participantes. Falta agora, nesta visão de sua evolução, que o esporte seja utilizado para convivência mais humana, ética e sadia entre os indivíduos pertencentes ao modelo de sociedade pós-moderna na sua grande maioria.

A proposta deste modelo de projeto pedagógico faz questão de chamar a atenção para o distanciamento necessário da tradicional “disciplinariedade cruzada” que, segundo Santomé (1998 p. 72), é fruto das fortes concepções reducionistas de algumas especialidades científicas.

Observam-se como algumas disciplinas tratam de impor uma espécie de monopólio sobre as explicações de muitos fenômenos sociais e naturais. A proposta aqui se aproxima das inter-relações entre conteúdos pela “interdisciplinariedade”, quando prevê:

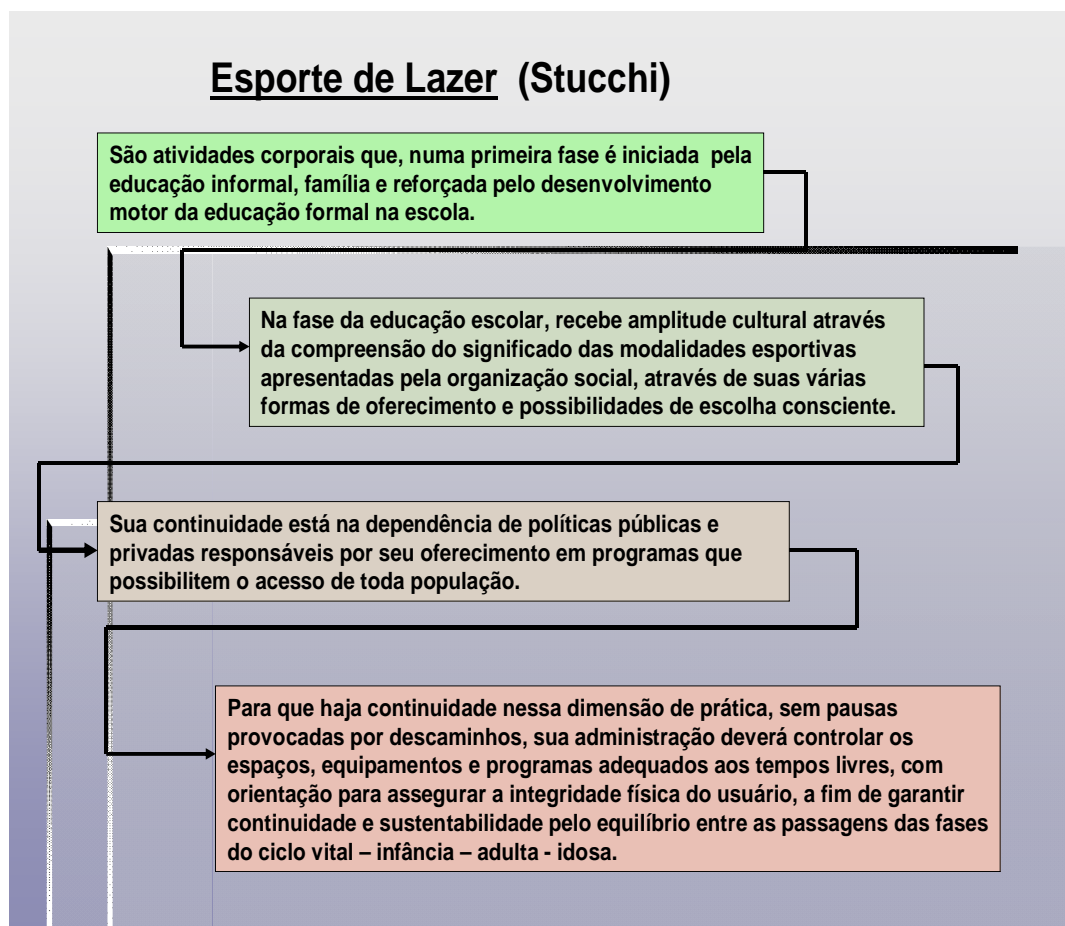
[...] algo diferente que reúne estudos complementares de diversos especialistas em um contexto de estudos de âmbito mais coletivo. A interdisciplinariedade implica em uma vontade de compromisso de elaborar um contexto mais geral, cada uma das disciplinas em contato são por sua vez modificadas e passam a depender claramente uma das outras. (SANTOMÉ, 1998, p. 73).

O fenômeno esportivo tratado por esta concepção de conteúdo cultural, como conhecimento e recebendo abordagens diversas, pode evoluir da concepção de esporte reprodutivista, para o desenvolvimento da consciência crítica e criativa pós-moderna de seu significado. Isto, certamente permitirá o alcance do equilíbrio ótimo entre as pessoas que serão levadas a buscar nas práticas das modalidades, no início através do processo educativo e depois pelo de uso espontâneo, um equilíbrio do estar num mundo novo e de novos desafios e metas. O modelo propõe ações planejadas com conteúdos que reforçam suas várias formas de abordagem disciplinar, a fim de conduzir os sujeitos às novas relações ativas dentro da modernidade. Como habitantes das velhas cidades do modelo industrial, passaremos por um processo educativo que deverá mostrar outros caminhos que não apenas o antigo objetivo de rendimento, desgastado, estabelecendo um novo modelo de esporte, o “de lazer” que também deverá permitir outras ligações com a administração e a economia, revertendo a simplista concepção de atividade recreativa funcionalista.

Num último suspiro como alimento das esperanças que quer completar as insistentes tentativas de reabrir mentalidades de quem está próximo das relações entre o movimento esportivo e a sociedade, reproduzimos as palavras de um dos principais pensadores preocupados com as emoções das disputas entre pessoas. Em “Vencendo a Competição”, Terry Orlick (1978, p.178-179) é magistral quando nos passa a seguinte mensagem:

Os jogos e os esportes são reflexos da sociedade em que vivemos, mas também servem para criar o que é refletido. Muitos valores importantes e modos de

comportamento são aprendidos por meio das brincadeiras, dos jogos e dos esportes. Os jogos são importantes, principalmente por que o alvo são as crianças em pleno processo de desenvolvimento, que passam horas incontáveis em atividades de caráter esportivo. Em nossos jogos, devemos passar um tipo de sociedade que gostaríamos de ter e recompensar as crianças por comportamentos que seriam desejáveis nessa sociedade. Uma das maiores lições a serem aprendidas na nossa existência cooperativa é podemos criar ou modificar os jogos para realizar objetivos humanos específicos.



REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L378.pdf> . Acesso em: 30 abr. 2008.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia Para Assuntos Jurídicos. Medida Provisória nº 1.794-8 de 31 de dezembro de 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/MPV/Antigas/1794-8.htm. Acesso em: 30 abr. 2008.

- CAMARGO, Luiz Otávio Lima de **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CAVALCANTI, Kátia Brandão. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: Ibrasa, 1984.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 7. ed. Rio de Janeiro: Faltá Editora, 2004.
- COSTA, L. P. Teoria e prática do esporte comunitário e de massa. Rio de Janeiro: PALESTRA, 1981.
- DIECKERT, Jürgen **Esporte de lazer: tarefa e chance para todos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Biblioteca Científica SESC, 1980.
- _____. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- GALLAHUE, David L. ; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor de crianças, adolescentes e adultos**. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.
- GONÇALVES, Aguinaldo; VILARTA Roberto. **Qualidade de vida e atividade física**. Barueri: Manole, 2004.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- PARKER, Stanley. A. **Sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SERGIO. Manoel. **Algumas teses sobre o desporto**. Lisboa: Compendium, 2003.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- TUBINO, Manuel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. **O que é esporte?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

Endereço do Autor:

Sérgio Stucchi

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física
Cidade Universitária “Zeferino Vaz”
Avenida Érico Veríssimo 701
Barão Geraldo – Campinas – SP
Caixa Postal: 6134 – CEP:13083-851
Endereço Eletrônico: sstucchi@fef.unicamp.br